

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

O Mundo Secreto de Sergei Paradjanov

20 e 22 de Março de 2025

Andriech / 1954

um filme de Serguei Paradjanov e Iakov Bazelian

Realização: Serguei Paradjanov, Iakov Bazelian *Argumento:* Emilian Bucov, Grigori Koltunov, Serguei Lialin, Vadim Korostilov *Fotografia (35 mm, cor):* Suren Chakhbazian, Vadim Verechtchak *Música:* Ihor Chamo, Grigori Tirtseu *Direcção Artística:* Viktor Nikitin, Oleg Stepanenko *Guarda-roupa:* Ievguenia Gamburd *Montagem:* Varvara Bondina *Som:* Nikolai Medvedev *Interpretação:* Kostia Russu (Andriech), Nodar Chachik-Ogli (Voinovan), Liudmila Sokolova (Liana), Kirill Chtirbu (Pakala), Ievgueni Ureke (Strimba-Lemna, o Gigante), Domnikia Darienko (a Cega), Robert Vizirenko-Kliavin (Turbilhão Negro, o Feiticeiro), Trifon Gruzin (Barba-Kot), Liudmila Sossiura, Guiuli Tchokhlonidze.

Produção: Naum Vaintrob / Estúdio de Filmes de Longa-Metragem de Kiev (URSS-Ucrânia, 1954) *Cópia:* DCP (a partir de 35 mm), cor, falado em russo com legendas electrónicas em português, 62 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Dumka / 1957

um filme de Serguei Paradjanov

Realização: Serguei Paradjanov *Fotografia (35 mm, preto-e-branco):* Aleksei Pankratiev *Direcção Artística:* Lidia Baikova *Música:* Arkadi Filippenko, Mark Kropivnitski *Som:* Andrei Demidenko *Interpretação:* coro "Dumka", B. Rudenka, M. Iegorov, etc.

Produção: Estúdio Dovjenko e Estúdio de Televisão de Kiev (URSS-Ucrânia, 1957) *Cópia:* DCP (a partir de 35 mm), preto-e-branco, cantado em ucraniano e russo com legendas electrónicas em português, 25 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Uma criança e uma árvore num plano geral inclinado, o pequeno humano diante do salgueiro-chorão que chamou por ele porque um furacão negro passou por ali, deixou um rasto de tristeza, arrancou os passarinhos dos ramos, vergou-o na direcção da terra, deixou-lhe as folhas murchas, os galhos retorcidos, a sensação de não pertencer àquela sua terra. A sequência encontra-se sensivelmente a meio de *Andriech*, quando um rapazinho pastor e uma árvore solitária trocam palavras, os planos variam de escala, a câmara descreve rotações à volta dos dois. Ouve-se música na banda sonora em harmonia com os gestos do pequeno entre as folhas que desemaranha e com a paleta cor-de-terra de todos os elementos. A árvore agradece deixando cair uma das suas folhas, a pôr na flauta para despertar a melodia que não tem saído do sopro da criança. Há-de ajudar a contrariar a força das trevas quando tudo parecer perdido. No último plano geral inclinado da sequência, a criança sai de campo pela esquerda, a árvore fica a oscilar ao vento em posição ascendente.

É um cinema do espanto, o de Serguei Paradjanov. Dá vida a um mundo fulgurante de equilíbrios cromáticos, narrativos, de matérias, beleza profunda, originalidade sensível. É como de uma forma ou de outra se tem visto e escrito desde a descoberta "alargada" de *"Cavalos de Fogo"* ou *"Sombras dos Nossos Antepassados Esquecidos"* e *"Sayat-Nova – A Cor da Romã"*, nos anos 1960, *"A Lenda da Fortaleza de Suram"* e *Achik-Keribi*, na década final de 1980: um universo da era soviética enraizado nas tradições dos povos da Arménia, da Geórgia e da Ucrânia que conjuga a poesia, o maravilhoso, as tradições dessas comunidades, das suas culturas e línguas, uma rara, rara intensidade plástica, um extremo e cuidado tratamento sonoro. Acresce, à caracterização, a lembrança de como o cineasta nascido na Arménia, formado no cinema da escola russa do VGIK, foi severamente encarcerado em períodos distintos,

perseguido, censurado pelo regime soviético graças aos seus filmes, à sua arte, ao seu pensamento, uma singularíssima liberdade de espírito e expressão. “Sobrevivi a três tiranos”, dizia aludindo a Estaline, Brejnev e Andropov. “Não habitava o planeta Terra, vivia num mundo seu”, testemunha em *The Lilac Wind of Paradjanov* uma pessoa que com ele trabalhou (o filme de Ali Khamraev, 2024, é um estimável retrato de Paradjanov, com sobejo material de arquivo, imagens do cineasta, a sua própria voz, vozes de um círculo de próximos: está programado no dia 28, às 19h).

Paradjanov (1924-1990), que o século XXI reconhece como um artista visionário do século XX (e que julgando pelo que tem acontecido nas sessões desta retrospectiva se tornou um pequeno saudável culto de jovens espectadores), era alguém que tinha por natural pedir a um director de som um som de vento lilás ou um som do século XVI. Foram pedidos correspondidos, mais tarde do que os anos 1950 de *Andriech* e *Dumka*, que rimam na sessão e rimam no fundo musical, no andamento coreográfico, na produção ucraniana. É ainda uma coisa a referir – Paradjanov falava ucraniano na Ucrânia e notava-o num tom de ferocidade natural que é outra marca do seu cinema. Como outro facto simples, puro e duro: é que os seus filmes são, em simultâneo, concretos, absolutamente ligados ao particular, mesmo quando fabulosamente compostos, e de transmissão universal. Ancorados na Terra, em camadas geológicas, em ligações antigas e celestes, os seus filmes tem um tempo seu que é múltiplo. É uma das suas forças motrizes.

Para descer à terra, pronta a voos de cinema (com a recordação improvável de um grito em Lisboa, 1998, do português Paulo Rocha a propósito do seu *Rio do Ouro*, “A Isabel Ruth voa!”), efeitos arcaicos, um conto infantil de fábula ou uma pequena história do mundo: *Andriech* foi a primeira longa-metragem de Paradjanov (com Iakov Bazelian), que começou a realizar na Ucrânia, nos estúdios de Kiev, retomando o motivo do filme final de curso no VGIK de Moscovo em 1952, “*Um Conto Moldavo*”, hoje perdido. Antes do cinema, faz sentido voltar ao ponto, Paradjanov havia estudado num Instituto de engenharia de Tiblíssi, por volta de 1942, e troca-o por uma escola de coreografia e um curso de canto no conservatório. Abandonados, por sua vez, em 1945, a pensar no cinema. A sua primeira detenção sob os fantásticos auspícios de Estaline, num campo de reeducação, por homossexualidade, é da altura do fim dos estudos. Datam dos anos iniciais da década de 1950 os seus começos nos estúdios, primeiro como assistente. Na sua juventude de cineasta, era este o embalo de Paradjanov quando realizou *Andriech*.

Pode ser descrito assim à superfície, “um conto para crianças”. Escreve Galia Ackerman (*Serguei Paradjanov Sept Visions*, ed. Seuil, 1992): “A realização, teatral e estereotipada, corresponde aos cânones tradicionais do cinema soviético dos anos 1940 e 50, e não desperta nem o interesse crítico nem a aprovação particular da direcção dos estúdios. Durante três anos, Paradjanov realiza apenas documentários.” As poucas linhas e o parco entusiasmo são severos com *Andriech* (o projecto de “Os Frescos de Kiev”, 1966, de que sobrevivem testes, é tido como um verdadeiro arranque, embora um arranque interdito). Visto em projecção em 2025, não obstante o formato digital numa obra que a cada filme parece pedir a vibração material da luz na película, *Andriech* é um belo começo. “Era uma vez...” O amanhecer e o despertar do pastorinho que há muito tempo vivia algures numa aldeia da Moldávia são os primeiros planos do conto do contador da história. O movimento do filme, que se anima com o despertar do rapazinho pegando na flauta e no chapéu de lã de pastor e procurando o cão, como ele guardador de rebanhos, flui em definitivo quando a coroa de flores retirada da palha faz *raccord* com a roda de raparigas e rapazes.

Já o pastorinho encontrou Vainovan, o santo padroeiro dos pastores para a troca de flautas. Nas mãos do garoto, a flauta mágica desperta a ira do maligno feiticeiro, o furacão negro que põe os elementos num alvoroço, idem para os animais e os humanos tornados pedra em grutas, o gigante da floresta que chega longe nos ares, tão maior do que *Andriech*. O mal ronda, como em qualquer conto infantil que se preze

para fazer vingar o bem, tornar visível o poder da Natureza e as possibilidades humanas de raparigas e rapazes, mulheres e homens, velhos e velhas. Entretanto, os acontecimentos precipitam-se, as paisagens acolhem as personagens ou perdem-se de vista, os riachos falam, como as árvores, o céu de estrelas mostra estrelas cadentes que caem nas mãos dos homens como tochas, os cavalos podem ser voadores, os gigantes podem ser amigos, os amores são os amores. *Andriech* é um turbilhão encantado e é um concentrado de possibilidades cinematográficas por desbravar. Uma alegria.

A melodia continua em *Dumka*, primeiro título documental de Paradjanov, a preto-e-branco, com o conhecido coro ucraniano do mesmo nome a cantar *a capella* uma série de temas cuja interpretação o filme segue num alinhamento de temas. Um a um, identificados em separadores. Belos temas, belo alinhamento, bela experiência a de os filmar em estúdio fundindo-os com as paisagens. O coro de pessoas, o seu uníssono de vozes, tem a força do colectivo disposto em concha, uma meia-lua de figuras brancas cantando de frente para o maestro e para a câmara. O chão em que se dispõem parece um lago a reflectir a imagem do colectivo e de todas as vezes os planos procuram outros, evocados pelas vozes, pela música, possivelmente pelas palavras entoadas (que um visionamento em versão original não permite decifrar). A força telúrica da paisagem, a sua limpidez em harmonia com a claridade do canto e a potência da música são bastantes para comover. A emoção é funda. O que está certo com a maneira como o cinema de Paradjanov escava e escava para atingir o fulcro, uma essência.

Maria João Madeira